

**ENSAIO POR ENSAIO: ALGUMAS PERGUNTAS
SOBRE AS ALTERAÇÕES DE MONTAIGNE
AO PRIMEIRO VOLUME DOS *ENSAIOS***

Pedro Carné

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Email: pedrohpcarne@gmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo consiste em apresentar uma tabela que nos permita observar, ensaio por ensaio, as alterações efetuadas por Montaigne em seu texto nas diferentes edições dos *Ensaíos*, tal como poderemos observar nas mais recentes edições críticas desta obra. De posse dessa ferramenta, pretendo elaborar algumas questões sobre o pensamento de Montaigne que, muitas vezes, não se encontram em nosso horizonte mais imediato.

Palavras-chave: Montaigne; *Ensaíos*; Modificações textuais.

1 Introdução

O objetivo deste artigo consiste em apresentar uma tabela que nos permita observar quantitativamente as alterações efetuadas por Montaigne em seu texto nas diferentes edições dos *Ensaíos*, tal como poderemos observar nas edições críticas desta obra. Com o auxílio dessa ferramenta, pretendo elaborar algumas questões sobre o pensamento de Montaigne que, muitas vezes, não se encontram em nosso horizonte mais imediato. Neste momento, concentro-me apenas no primeiro volume dos *Ensaíos*.

Antes, porém, algumas considerações preliminares.

Os Ensaíos, de Montaigne, constituem-se como um livro único na história do pensamento filosófico.¹ Se considerarmos que Montaigne iniciou a redação do mesmo por volta de 1572, podemos afirmar que ele trabalhou em seu texto até o ano de sua morte, em 1592, modificando-o a cada edição. Para nossos fins, é de fundamental importância qualificarmos este incessante trabalho textual.

Em sua primeira edição, no ano de 1580, *Os Ensaíos* apresentavam dois volumes. Com ligeiras alterações, essa edição foi republicada por Montaigne nos anos de 1582 e 1587. Em 1588, porém, seu livro ganhou transformações mais substanciais, sendo inclusive acrescido de um inédito terceiro volume. Com efeito, esta é a última edição publicada d'*Os Ensaíos* por Montaigne. A partir daqui, entra em cena o famoso *Exemplar de Bordeaux*.

¹ Remeto o leitor para o ensaio “Os livros únicos”, escrito por Roberto Calasso (Calasso, 2020), no qual, dentre outras caracterizações, os livros únicos são apresentados como “aquele tipo de livro que é uma experimentação do conhecimento, e como tal pode se transmutar na experiência de quem o lê, transformando-a por sua vez” (p. 72). Calasso também afirma que um livro único “é aquele em que imediatamente se reconhece que *aconteceu alguma coisa* ao autor e essa coisa terminou por se depositar em um escrito” (p. 14), bem como que os livros únicos são livros que correram um grande risco de não chegarem a se tornar livros, sendo a obra perfeita aquela que não deixa rastros.

O *Exemplar de Bordeaux* consiste na edição que Montaigne possuía de sua própria obra e na qual o filósofo trabalhou após a publicação da mesma. Nele, encontramos numerosos acréscimos, supressões e substituições (de palavras, frases e parágrafos completos), bem como mudanças na pontuação e até no estilo do texto publicado em 1588. Mais do que isso: é no *Exemplar de Bordeaux* que encontramos os desenvolvimentos textuais chamados de “prolongamentos” (*alongeails*) por Montaigne, prolongamentos que nos mostram detalhadamente a maneira através da qual Montaigne trabalhou em seu texto.² Consoante Philippe Desan, o *Exemplar de Bordeaux* exhibe, aproximadamente, um terço das transformações sofridas pelos *Ensaíes*, e seria através de seu estudo que encontraríamos uma chave para compreendemos a decisiva pergunta de Montaigne: “[B] quem não vê que tomei um caminho pelo qual, sem cessar e sem trabalho, avançarei tanto quanto houver de tinta e de papel no mundo?”³ Para Desan, o *Exemplar de Bordeaux* pode ser visto como um palimpsesto de memória e julgamento, na medida em que é uma obra parcialmente impressa e parcialmente atravessada pela caligrafia de Montaigne.⁴

Na década de 1930, Pierre Villey publicará uma edição crítica dos *Ensaíes* atribuindo às camadas do texto de Montaigne uma letra do alfabeto. Ainda que não tenha sido Villey o primeiro a se valer deste artifício editorial em relação aos *Ensaíes*,⁵ costuma-se adotar seu trabalho editorial como a referência para as edições críticas contemporâneas da obra de Montaigne. Deste modo, enquanto a letra A indica que o texto reproduzido corresponde, fundamentalmente, às edições dos *Ensaíes* publicadas por Montaigne em 1580 e 1582 (sendo assinalada a diferença entre estas edições com o auxílio de notas de rodapé), a letra B designa o texto publicado em 1588 e, a letra C, o texto posterior a essa data (ou seja, refere-se a um texto que não foi efetivamente publicado por Montaigne). Observaremos, então, ao longo dos *Ensaíes*, passagens com estruturas mais ou menos semelhantes a esta, extraída do ensaio sobre os canibais:

[A] A república que ele imaginou, como a consideraria distante dessa perfeição: [C] “*virii a diis recentes!*”

[B] *Hos natura modos primum dedit.*

[A] De resto, eles vivem numa região muito agradável e bem temperada; de forma que, pelo que me disseram minhas testemunhas, é raro ver ali um homem doente; e asseguraram-me não terem visto um único trêmulo, remelento, desdentado, nem encurvado pela velhice.⁶

Isto é, na primeira edição dos *Ensaíes*, em 1580, nós nos encontrávamos diante da frase final de um parágrafo (“A república que ele imaginou, como a consideraria distante dessa perfeição”) à qual se seguia a primeira frase do parágrafo seguinte (“De resto, eles vivem numa região muito agradável e bem temperada...”); uma estrutura que foi mantida na edição de 1582, mas que foi modificada na edição de 1588 com o acréscimo da citação das *Geórgicas*, de Virgílio (“Eis as primeiras leis que a natureza deu”), e novamente modificada posteriormente com o acréscimo de uma citação das *Epístolas* de Sêneca (“Homens recém-saídos da mão de Deus”). Podemos

² Cf. *Ensaíes*, 3, IX: “[B] Deixa correr, leitor, mais este lance de ensaio e este terceiro prolongamento do restante das partes de meu retrato. Acrescento, mas não corrijo” (p. 267).

³ *Ensaíes*, 3, IX (p. 239)

⁴ Philippe Desan, apresentação do Exemplar de Bordeaux no site Montaigne Studies [<http://humanities.uchicago.edu/orgs/montaigne>].

⁵ Cf. Viegas, 2011, p. 37.

⁶ Montaigne, 1, XXX, p. 309.

Ensaio por ensaio: algumas perguntas sobre as alterações de Montaigne

dizer, então, que este fragmento de texto citado passou por duas formulações antes de nós o vemos em sua formulação “final”.

2 Tabela de Alterações no texto do primeiro volume dos *Ensaíos*

Após estas considerações preliminares, vejamos a tabela referente às alterações feitas por Montaigne no texto apresentado no primeiro volume dos *Ensaíos*:

	Título do Ensaio	Estrutura do Ensaio	Alterações na Edição de 1588	Alterações no Manuscrito de Bordeaux	Total de Modificações
1	Por meios diversos chega-se ao mesmo fim	ABACABC	2	2	4
2	Da tristeza	BCABCABABAB	5	2	7
3	Nossas afeições deixam-se levar para além de nós	BCBCBCBABABABACB-CBCBC	10	7	17
4	Como a alma descarrega suas paixões sobre objetos falsos, quando os verdadeiros lhe faltam	ABABACACACACAB	3	4	7
5	Se o chefe de uma praça sitiada deve sair para parlamentar	ACACABAB	2	2	4
6	A perigosa hora das conversações	ACACAB	1	2	3
7	Que a intenção julga nossas ações	AC	0	1	1
8	Da ociosidade	ABABA	2	0	2
9	Dos mentirosos	ABCBCBCBCBCBABA	7	5	12
0	1 Da palavra pronta ou lenta	ABABC	2	1	3
1	1 Dos prognósticos	ACACACACABCACBCB-CBCBCBCBCB	12	8	20

2	1	Da constância	ACABC	1	2	3
3	1	Cerimônia do encontro de reis	ABAC	1	1	2
4	1	Que o gosto dos bens e dos males depende em boa parte da opinião que temos deles	ABCACACBACACACA-CACACACACACACABACA-CBCBCBCBCBCBCBCBCB-CBCBCBCBCBCBCBCBACAC	21	34	55
5	1	É punido quem desarrazoadamente se obstina em defender uma praça	ACB	1	1	2
6	1	Da punição da covardia	ACACA	0	2	2
7	1	Uma característica de alguns embaixadores	ACACAC	0	3	3
8	1	Do medo	ABABAC	2	1	3
9	1	Que apenas após a morte se deve julgar sobre nossa felicidade	ACAB	1	1	2
0	2	Que filosofar é aprender a morrer	ACACABACABABABACABABACABABACACACABACBACABABCACABCBA-BACABACBCA-CABACABCABACACABABC A	22	22	44
1	2	Da força da imaginação	ACABACACACACA-CABC	2	7	9
2	2	O lucro de um é o prejuízo do outro	A	0	0	0
3	2	Do costume — e de não mudar facilmente uma lei aceita	ACACABCACBCBCBCB-CBCABACBACACACBCBCB-CBCBCBCBABCBCA	17	21	38
4	2	Diversas decorrências da mesma atitude	ABCBCBCBBABCA	6	4	10

5	2	Do pedantismo	ABABACACACACACA- CACAACABACCACABABAA- CACACACACAC	5	17	22
6	2	Da educação das crianças	ACACACACACACACA- CABACACACABCACACA- CACABACACACABCACACA- CACAACACA- CABACABACACBABACABA CACABACACABACABCACA- CACACACACACACACACA- BACABACACACACACACB- CACACAB- CABACACABCBCA	20	62	82
7	2	É loucura condicionar ao nosso discernimento o verdadeiro e o falso	ACABABCACACA	2	4	6
8	2	Da amizade	ACACACACABACACA- CACACACACABCACACACA- CABA	3	16	19
9	2	Vinte e nove sonetos de Étienne de la Boétie	AC	0	1	1
0	3	Da moderação	ACACACACACBCBCAB- CACABCABABCB	7	11	18
1	3	Dos canibais	ACABABCBCACABACA- CBACACABACACABCACA	7	12	19
2	3	Que é preciso sobriedade no aventurar-se a julgar as decisões divinas	ACABACAC	1	3	4
3	3	Sobre fugir das voluptuosidades mesmo à custa da vida	A	0	0	0
4	3	Amiúde a fortuna caminha em passo com a razão	ACACB	1	2	3
5	3	De uma lacuna em nossas instituições públicas	ACACAC	0	3	3

6	3	Do hábito de vestir-se	ACACACACABABCB	3	5	8
7	3	Do jovem Catão	ACACACACACBCA-CACA	1	8	9
8	3	Como choramos e rimos por uma mesma coisa	ABCBABCABA	4	2	6
9	3	Da solidão	ABACABCABACABCA-CACACACABCABABABACA	8	10	18
0	4	Consideração sobre Cícero	ABACBABACABCBCB-CBCB	8	6	14
1	4	De não transmitir sua glória	ABCBACBCBC	4	4	8
2	4	Da desigualdade que existe entre nós	ACABACACACABACA-BABACABABABACAB-CBABABABABA	13	8	21
3	4	Das leis suntuárias	ACABABCBC	3	3	6
4	4	Do dormir	AC	0	1	1
5	4	Da batalha de Dreux	AB	1	0	1
6	4	Dos nomes	ABACACABCACACA-CACA	3	6	9
7	4	Da incerteza de nosso julgamento	ACBCACABACACAC	2	6	8
8	4	Dos corcéis	ACACACACACABCABA-CABCACBCBCBCBCB	14	8	22
9	4	Dos costumes antigos	ACACACABA	1	3	4
0	5	De Demócrito e Heráclito	ACACABAC	1	3	4
1	5	Da vanidade das palavras	ABABACACABABA	4	2	6

2	5	Da parcimônia dos antigos	AB	1	0	1
3	5	De uma sentença de César	ABABA	2	0	2
4	5	Das sutilezas vãs	ABACACABCBCA	3	4	7
5	5	Dos cheiros	ABABCBCBCB	5	3	8
6	5	Das orações	ACACACABACACACAB- CABCBCABCBCBCB- CBACBACBABACACAB	14	19	33
7	5	Da idade	ABACABA	2	1	3

3 Alguns questionamentos suscitados pela tabela de alterações d’*Os Ensaios*

Após a observação das mudanças efetuadas em cada ensaio do primeiro volume, podemos tecer algumas considerações mais específicas acerca destas mudanças.

1. Por qual razão os ensaios “O lucro de um é prejuízo do outro” (XXII) e “Sobre fugir das voluptuosidades mesmo à custa da vida” (XXXIII) não apresentam nenhuma modificação ao longo das diferentes edições dos *Ensaios*? É importante recordar que, apenas durante a vida de Montaigne, *Os Ensaios* foram republicados três vezes com alterações mais ou menos substanciais (1582, 1587 e 1588), e que nós ainda dispomos do *Exemplar de Bordeaux*, o qual, de acordo com Desan, apresenta-nos cerca de um terço das modificações sofridas pelo texto dos *Ensaios*. Isto significa que Montaigne, deliberadamente, apesar de ter feito as mais variadas alterações em seus ensaios, manteve estes dois ensaios do primeiro volume incólumes. Como podemos compreender este fato? Qual a sua fertilidade filosófica? Manifestariam eles alguma espécie de equilíbrio entre a forma ensaística e o tema em discussão? Ou teriam passado “desapercebidos” por Montaigne ao longo das mais diversas edições de sua obra?

2. Alguns ensaios sofreram modificações bastante pontuais. Por exemplo, os ensaios “Da batalha de Dreux” (XLV) e “Da parcimônia dos antigos” (LII) foram acrescentados de um pequeno parágrafo ao final do texto na edição de 1588; já os ensaios “Que a intenção julga nossas ações” (VII) e “Do dormir” (XLIV) sofreram mudanças apenas no *Exemplar de Bordeaux*, e mudanças muito específicas: por um lado, no ensaio sobre dormir, a modificação é o acréscimo de um parágrafo (composto por uma única frase) antes do parágrafo final do texto; por outro lado, no ensaio sobre o julgamento de nossas ações, Montaigne acrescenta três parágrafos que alongam a reflexão tecida em 1580, a qual consistia em apenas um parágrafo. Pois bem, tais inserções no texto original seriam capazes de transformar substancialmente o sentido do texto ou a estrutura argumentativa elaborada por Montaigne em tais ensaios? E mais: modificações desta natureza seriam capazes de aprofundar a questão anteriormente elaborada, uma vez que, diante de alterações tão sutis, por qual razão alguns ensaios não sofreram quaisquer modificações ao longo dos vinte anos de trabalho no texto?

3. É perceptível que alguns ensaios foram extremamente modificados por Montaigne. Por exemplo, os ensaios “Que o gosto dos bens e dos males depende em boa parte da opinião que temos deles” (XIV), “Que filosofar é aprender a morrer” (XX), “Do costume — e de não mudar facilmente uma lei aceita” (XXIII) e “Das orações” (LVI) sofreram mais de trinta alterações na edição d’*Os Ensaios* de 1588 e no *Exemplar de Bordeaux*. Com efeito, podemos observar nestes ensaios os mais diversos tipos de alterações textuais — desde inserções de frases e parágrafos escritos por Montaigne que, muitas vezes, complexificam o sentido da discussão (muitas vezes, modificando-o), até inserções de citações nas mais variadas posições textuais, isto é, no meio de um parágrafo, no fim de um parágrafo, justaposta a outra citação, no fim de um ensaio etc. Pois bem, por qual razão Montaigne trabalhou tanto nestes ensaios? Seriam estes os temas que mais estimularam o desenvolvimento de sua reflexão filosófica? Ou teriam sido ensaios em que o tratamento do tema não se mostrou satisfatório, convocando-o à reelaboração?

4. O ensaio sobre a educação das crianças (XXVI) é, de longe, o ensaio mais trabalhado por Montaigne ao longo dos vinte anos em que ele se dedicou ao seu texto: o texto foi transformado dezenove vezes pelo filósofo para a edição de 1588 e outras sessenta e duas vezes em seu exemplar privado que, imaginamos, pautaria uma nova edição de seu texto. Ao total, este ensaio recebeu oitenta e uma alterações. Qual seria a razão de tamanha insatisfação em relação a este ensaio para que ele concentrasse, sozinho, mais alterações do que quase metade do primeiro volume d’*Os Ensaios* em conjunto? Quais seriam os elementos nele dispostos (ou interpostos) que nos auxiliariam na leitura d’*Os Ensaios* como um todo? Será que o contato com sua *fille d’alliance*, Marie de Gournay, reacendeu no filósofo o desejo pelo desdobramento das questões de natureza pedagógica?

Cada uma destas perguntas é capaz de suscitar um sem número de hipóteses. Para algumas, talvez, nem estejamos em situação de encontrar uma hipótese que nos pareça satisfatória. Penso, porém, que a observação do texto de Montaigne por este ângulo nos ajuda a vislumbrar um frutífero horizonte filosófico para o tratamento dos *Ensaios*. Isso, naturalmente, sem nunca esquecer a pergunta mais fundamental que nos é apresentada pelo filósofo: deveríamos nos debruçar sobre o texto dos *Ensaios* protegidos por esta armadura filológica que nos protege das contradições inerentes ao tratamento de um mesmo texto durante o período de vinte anos? Ou deveríamos, ao contrário, ler o texto de Montaigne sem o auxílio desta armadura?⁷ Seja como for, deveríamos ter sempre no horizonte a efemeridade de nossas conclusões.

Referências

- CALASSO, R. *A Marca do Editor*. Trad. Pedro Fonseca. Belo Horizonte: Ed. Áyiné, 2020.
- FAVERI, C. B. “Os *Ensaios* de Michel de Montaigne no Brasil: recepção e tradução”. IN: Revell, v. 3, n. 23, p. 475-491, 2019. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/4382>
- MONTAIGNE, M. de. *Ensaio*. Trad. Rosemary Costhek Abílio. 3 vols.. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MONTAIGNE, M. de. *Ensaio*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Editora 34, 2016.

⁷ Ambas as possibilidades são possíveis em língua portuguesa, à luz da tradução completa dos *Ensaio*s por Sérgio Milliet e por Rosemary Costhek Abílio. Sobre a história das traduções de Montaigne para a língua portuguesa, cf. Faveri, 2019.

Ensaio por ensaio: algumas perguntas sobre as alterações de Montaigne

- MONTAIGNE, M. de. *Essais*. Édition présentée, établie et annotée par Pierre Michel. Paris: Gallimard, 1965.
- MONTAIGNE, M. de. *The Complete Works*. Trad. Donald M. Frame. New York: Random House, 2003.
- VIEGAS, R. M. “Montaigne de [A] a [C]. Ensaio sobre as Couches”. IN: *Remate de Males*, v. 31, n. 1-2, p. 35-52, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8636221>